

**PRÁTICAS CULTURAIS DA ESCRITA:
EDIÇÃO E LEITURA DO MANUSCRITO
ALFABETIZAÇÃO, ETC. E TAL DE EULÁLIO MOTTA**

Miriam Barreto de Almeida Passos (UNEB)
mirapassos@hotmail.com

Patrício Nunes Barreiros (UNEB e UEFS)
partriciobarreiros@hotmail.com

Tenho procurado com especial interesse, pelos municípios e distritos por onde {passo}/ando, saber como funcionam os cursos de alfabetização de adultos

(MOTTA, EA2.15.CV1.15.001).

RESUMO

O artigo apresenta uma edição semidiplomática do manuscrito *Alfabetização etc. e tal* do escritor baiano Eulálio Motta (1907-1988), e um estudo das práticas de alfabetização formal na comunidade Capela do Bom Jesus, no município de Mundo Novo – BA, na década de 1950. O texto editado revela práticas sociais do ensino da escrita e da leitura no sertão baiano e para empreender o estudo e a edição do texto foram consideradas as relações entre filologia e acervos de escritores (BARREIROS, 2012); os usos sociais da escrita enquanto prática escriturística capaz de “inventar” o cotidiano (CERTÉAU, 2008); a história cultural das práticas de escrita (CASTILLO GÓMEZ, 2002; CHARTIER, 2001); a história da educação no Brasil (COSTA; TAMAROZZI, 2009), a formação de professores e as interfaces entre escrita e memória (BRANDÃO, 2002; NORA, 1993). A pesquisa pretende contribuir para o conhecimento da história cultural das práticas de escrita do sertão da Bahia.

Palavras-Chaves: Eulálio Motta. Cultura escrita. Crítica textual.

1. Introdução

O presente artigo apresenta uma edição semidiplomática do manuscrito *Alfabetização etc. e tal* do escritor baiano Eulálio Motta (1907-1988), bem como uma leitura das práticas de alfabetização formal na comunidade Capela do Bom Jesus²⁸, no município de Mundo Novo (BA), na década de 1950.

²⁸ Em 1950, Capela do Bom Jesus pertencia ao município de Mundo Novo, mas quando o município se dividiu, a vila passou a pertencer a Piritiba e a se chamar Cigana.

A pesquisa utiliza como *corpus* o referido manuscrito e os documentos do acervo do escritor que caracterizam as práticas educativas no sertão baiano. Como percursos metodológicos foram utilizados os recursos da crítica textual para a edição e na análise do texto. Além disso, lançou-se mão dos métodos descritivo, exploratório e documental de fonte primária.

Em adição, foram consideradas as relações entre filologia e acervos de escritores (BARREIROS, 2012); os usos sociais da escrita enquanto prática escriturística capaz de “inventar” o cotidiano (CERTÉAU, 2008); a história cultural das práticas de escrita (CASTILLO GÓMEZ, 2002; CHARTIER, 2001); a história da educação no Brasil (COSTA; TAMAROZZI, 2009), a formação de professores e as interfaces entre escrita e memória (BRANDÃO, 2002; NORA, 1993). A pesquisa está vinculada ao *Grupo Interdisciplinar de Estudo de Acervos de Escritores Baianos* e pretende contribuir para o conhecimento da história cultural das práticas de escrita do sertão da Bahia.

2. O manuscrito e suas possibilidades de análise

Alfabetização, Etc. e Tal corresponde a uma crônica focada no cotidiano de uma vila do interior da Bahia, escrita na década de 1950 e segue o estilo dos textos publicados por Eulálio Motta em forma de panfletos avulsos (BARREIROS, 2012; 2013). No referido manuscrito, inédito, o escritor fez uma análise da situação da alfabetização no município de Mundo Novo e em especial na comunidade Capela do Bom Jesus, onde, segundo ele, somente as mariposas frequentavam as aulas de alfabetização para adultos e as crianças não tinham escolas. Após a análise da educação na comunidade, Eulálio Motta dirigiu-se ao Ministro da Educação, o baiano Clemente Mariani, solicitando uma escola para as crianças de Capela do Bom Jesus.

Nas entrelinhas do texto, o escritor expôs uma visão da educação a partir da análise de um contexto específico. Ao relatar a opinião dos estudantes, dos professores e de pessoas da comunidade, Eulálio Motta evidenciou o modo como eles se relacionavam com a aprendizagem formal, expondo as condições materiais e humanas do ensino da leitura e da escrita, e a motivação para os estudos.

Nesse sentido, o texto editado, oriundo do acervo pessoal do escritor, revela aspectos da memória da comunidade que estavam fadados ao

esquecimento, e, desse modo, converte-se num lugar de memória (NORA, 1993). O texto eleva-se à categoria de documento histórico, revela uma visão do passado e contribui para se desenhar a história cultural das práticas de escrita no interior da Bahia.

Em *Alfabetização, Etc. e Tal*, há pelo menos duas possibilidades de análise. A primeira delas é a relação entre o sujeito que escreve sobre o cotidiano, materializando as suas impressões da realidade social e a segunda corresponde aos acontecimentos que o texto revela. Esses dois modos de análise estão perpassados pela capacidade da escrita de “inventar” o cotidiano.

No dizer de Certeau (2008, p. 226), “a ilha da página é um local de passagem onde se opera uma inversão industrial: o que entra nela é um ‘recebido’, e o que sai dela é um ‘produto’”. Ou ainda:

[...] a ideia de uma produção da sociedade por um sistema “escriturístico” não cessou de ter como corolário a convicção de que, com mais ou menos resistência, o público é moldado pelo escrito (verbal ou icônico), tornando-se semelhante ao que recebe, enfim, deixa-se imprimir pelo texto e como o texto que lhe é imposto. [...] Numa sociedade sempre mais escrita, organizada pelo poder de modificar as coisas e reformar as estruturas a partir de modelos (científicos, econômicos, políticos), pode-se muitas vezes substituir o binômio produção-consumo por seu equivalente e revelador geral, o binômio escrita-leitura (CERTEAU, 2008, p. 261-262).

Pode-se dizer que o texto, enquanto produto fabricado para um fim, tem a capacidade de inventar o cotidiano, à medida que se espera do público leitor uma reação. Não há passividade de quem escreve, nem de quem ler. Na visão de Zilberman (2001), nenhum leitor absorve um texto de modo passivo e os processos de significação ganham contornos específicos de acordo com as experiências de cada um. Assim, os textos são fatias repartidas de sentidos construídos nas relações entre os sujeitos que os escrevem, os leitores e os acontecimentos. Por isso, tanto os escritores quanto os leitores contribuem para a configuração da realidade social.

Para além do fenômeno social, os textos em suas tramas discursivas e suas tessituras denotam uma sequência e ordenamentos de ideias a partir de uma realidade, de uma vivência, de sentimentos, leituras, compreensões, definindo, através de diálogos, a formatação necessária de um expor plausível e/ou implausível sobre diversos pontos de vista. Para Bakhtin o texto é:

[...] a expressão de uma consciência que reflete algo. Quando o texto se torna objeto de cognição, podemos falar do reflexo de um reflexo. A compreensão de

um texto é precisamente o reflexo exato do reflexo. Através do reflexo do outro, chega-se ao objeto refletido (BAKHTIN, 1997, p. 341).

Deste modo, toda tessitura escrita ou quaisquer composições possuem uma história subjacente ou, do ponto de vista enunciativo, um discurso por traz das linhas que contornam a escrita. Por outro lado, além dos discursos incorporados, existem outros a serem construídos, considerando-se o repensar, restaurar e recontextualizar o já-dito, visto que o modo de dizer, de sentir, de perceber, de falar, de amar e de compreender são distintos e singulares. Somam-se a isso, as marcas históricas carregadas por cada sujeito na peculiaridade do convívio coletivo.

3. *Eulálio Motta e seus interesses pela educação no sertão baiano*

Na década de 1930, Eulálio de Miranda Motta engajou-se no Partido Integralista Brasileiro e converteu-se num importante militante, assumindo cargos e representando o partido no interior da Bahia. A manutenção de escolas nos municípios fazia parte dos objetivos do partido que pretendia difundir suas ideologias. Segundo as orientações da Ação Integralista Brasileira, o propósito era desenvolver ações assistencialistas para que os menos favorecidos tivessem acesso a uma educação que garantissem o seu desenvolvimento moral e intelectual.

A Ação Integralista em Mundo Novo, na década de 1930 tinha pouca representatividade, e o núcleo municipal não tinha condições de manter uma escola, mas Eulálio Motta, enquanto líder do núcleo municipal da Ação Integralista Brasileira em Mundo Novo e representante regional do partido, defendia a necessidade de escolas para os filhos dos mais pobres. Após o fechamento da Ação Integralista Brasileira por Getúlio Vargas, Eulálio Motta somente voltou ao cenário político em 1946 filiado ao Partido da Representação Popular e ligado a Ação Católica. Em 1947, candidatou-se a deputado estadual e um dos projetos que ele defendia era o acesso à educação formal para as crianças da zona rural do sertão baiano.

Em 1950, a Ação Católica levantou uma discussão acerca da democratização do acesso à educação e empreendeu uma campanha de alfabetização por todo Brasil e o Ministro Clemente Mariani lançou uma campanha de alfabetização de jovens e adultos (COSTA; TOMAROZI, 2008). Nessa ocasião, Eulálio Motta estava totalmente engajado nas causas da Ação Católica, mas fazia uma ostensiva oposição ao governo. Se por um lado ele era a favor da democratização ao acesso à educação, por outro ele

criticava as ações do ministro Clemente Mariani que buscava alternativas para alfabetizar os jovens e adultos, mas se esquecia das crianças.

A participação política de Eulálio Motta, na década de 1950, tornou-se bastante efetiva exercendo um papel fundamental na região de Mundo Novo, publicando panfletos e textos em jornais criticando as ações do governo.

4. O cotidiano da alfabetização de Capela do Bom Jesus na ótica de Eulálio Motta

As crônicas de Eulálio Motta sobre o cotidiano do sertão baiano geralmente seguem um estilo e uma retórica específicos. Ele sempre escreve a partir de um pedido, uma suplica:

[...] Em certa localidade, um adulto {de representação local} me queixava que a ausência quase total de adultos no curso local {era}/é\ motivada pela professora que é a mais filante do curso. Noutra parte, uma professora, assídua, me pediu que falasse, ou escrevesse, [↑ou] fizesse qualquer coisa que [↑fosse] um apelo convincente aos adultos analfabetos para frequentarem o curso de alfabetização... Porque as aulas estão sendo povoadas, apenas de mariposas! A professora... a mesa... carteiras...

Essa estratégia retórica revela a qualidade panfletária de seus textos (BARREIROS, 2013), justificando possíveis intromissões e ofensas às autoridades que são alvo de suas críticas, deixando claro que ele não critica sem motivos reais, não denuncia sem provas.

Quem atesta os fatos são as pessoas da comunidade, que vivem o cotidiano e por isso os argumentos de Eulálio Motta investem-se de autoridade. Sua crítica concentra-se nas ações do governo que não investe na alfabetização das crianças, nas professoras que são “filantes” e na falta de motivação dos estudantes adultos ocasionando evasão.

O texto *Alfabetização, Etc. e Tal* revela a cristalização de determinadas crenças sobre o aprendizado da leitura e da escrita que perduram até hoje na sociedade brasileira: “papagaio véio não aprende a falar” ou ainda “quem mau sabe lê também se veve”.

Os argumentos utilizados nas campanhas de alfabetização de jovens e adultos, na década de 1950, pautavam-se, principalmente, na necessidade de se assinar o nome para ter o direito de votar e com isso exercer a cidadania. A leitura não era vista como uma condição de cidadania, podendo-se viver sem ela. Essa situação está retratada no texto de Eulálio Motta:

Façamos justiça ao Snr. Ministro da Educação, aplaudindo a sua intenção, criando o curso de alfabetização de adultos. Mas contemos a S. Exa. o fracasso de tão nobre iniciativa pelo interior deste infeliz sertão, onde os Adultos sacodem os ombros dizendo que “papagaio véio não aprende a falar”, ou que “quem mau sabe lê também veve”, e onde as crianças por falta de escola vão crescendo sem aprender o a-b-c e o b-a bá.

O fragmento acima revela o método empregado para a alfabetização, compreendida como decodificação de letras e palavras soletradas. Esse era o sistema vigente na época, onde as cartilhas e livros de abc eram os instrumentos utilizados para a alfabetização.

O autor faz uma avaliação ampla da educação, quando pontua situações do cotidiano, revelando sutilezas que dificilmente são documentadas. Para ele, “se houvesse investimento na educação infantil não haveria adultos para serem alfabetizados”. O que parece óbvio ainda é um problema recorrente na educação brasileira do século XXI.

O texto de Eulálio Motta demonstra que as políticas educacionais no Brasil são fragmentadas. As ações são isoladas e pontuais, quando não são apenas compensatórias. Tenta-se resolver apenas os efeitos e se ignoram as causas.

5. A edição do texto

O manuscrito consta no *Caderno Fotocopiado 2*, páginas 60 a 63, com rasuras, emendas e borrões. O escritor utilizou as margens para escrever e por isso há uma variação de linhas em cada página. O *Caderno Fotocopiado 2* corresponde a uma cópia colorida e encadernada e foi utilizado pelo escritor como borrador para textos que seriam publicados em

forma de panfletos na década de 1950.

A cópia colorida é uma reprodução feita quando o acervo do escritor ainda estava em Mundo Novo sob a custódia da família do escritor e, por motivos desconhecidos, os originais não foram encontrados quando foi feito o inventário dos documentos, no momento da doação do acervo para a pesquisa. A fotocópia é o único testemunho conhecido desse manuscrito e o único documento conhecido que trata da alfabetização de jovens e adultos na comunidade Capela do Bom Jesus.

Desse modo, o manuscrito é um importante documento para o estudo das práticas culturais da escrita no sertão baiano, da língua utilizada por Eulálio Motta e da história da educação no interior da Bahia. Editá-lo, portanto, é um meio de inseri-lo no fluxo da leitura.

Nesse artigo, foi feita uma edição semidiplomática do manuscrito, com o mínimo de interferência possível.

5.1. Critérios adotados

- a) Manteve-se a grafia original das palavras e a pontuação do texto;
- b) As linhas foram numeradas de 5 em 5 na margem esquerda;

5.2. Símbolos utilizados na transcrição

{ } seguimento riscado, cancelado

{†} seguimento ilegível

{†} / \ segmento ilegível substituído por outro legível na relação {ilegível} /legível\

{ } / \ substituição por sobreposição, na relação {substituído} /substituto\

{ } [↑] riscado e substituído por outro na entrelinha superior

{ } [↓] riscado e substituído por outro na entrelinha inferior

{ } [→] riscado e substituído por outro na margem direita

{ } [←] riscado e substituído por outro na margem esquerda

[↑] acréscimo na entrelinha superior

[↓] acréscimo na entrelinha inferior

[→] acréscimo na margem direita

[←] acréscimo na margem esquerda

[] acréscimos

6. O texto

Página 60

Alfabetização, etc. e tal...

- Tenho procurado com especial interesse, pelos municípios e distritos por onde {passo}/and\, saber como funcionam os cursos de alfabetização de adultos. Uma lastima! Há frequência de cinco, de três, ou ... até de um! Em certa localidade, um adulto {de representação local} me queixava que a ausência quase total de adultos no curso local {era}/é/ motivada pela professora que é a mais filante do curso. Noutra parte, uma professora, assídua, me pediu que falasse, ou escrevesse, [↑ou] fizesse qualquer coisa que [↑fosse] um apelo convincente aos adultos analfabetos para frequentarem o curso de alfabetização... Porque as aulas estão sendo povoadas, apenas de mariposas! A professora... a mesa... carteiras... de {↑} ... de papéis... {↑}... e as mariposas batendo no tubo do candieiro de placa...
- 5
- 10
- 15
- 20
- 25

Página 61

- escolas graças ao abono familiar, estão retirando seus filhos das escolas por falta de recebimento dos abonos... [↑sem investirem na compra de roupas e sapato para os meninos e] Nunca mais receberam. Porque? Porque respondem, o governo está sem dinheiro... E porque o governo não tem dinheiro
- 5

- para alfabetizar as crianças, temos
que assistir a formação de multi-
10 dões de adultos analfabetos... E
porque se formam multidões de adultos anal-
fabetos, se governo gasta milhões
com os cursos de alfabetização de
adultos... E a porcentagem de adul-
15 tos que se utilizam de tais cursos
com toda certeza não chega a um
por mil.
Aqui no meu município ha povoa-
dos com perto de uma centena de
20 crianças sem nenhuma escola, nem
estadual nem municipal! Não ha
dinheiro para pagar escolas de alfa-
betização das crianças... E gastam
com a existencia, mesmo neste municí-
25 pio, de varios cursos noturnos povo-
ados de mariposas rodopiando em tórno

Página 62

dos candinheiros!

- Façamos justiça ao Snr. Ministro da E-
ducação , aplaudindo a sua intenção, crian-
do o curso de alfabetização de a-
5 dultos. Mas contemos a S. Exa. o fra-
casso de tão nobre iniciativa pelo
interior deste infeliz sertão, onde os
Adultos sacodem os hombros dizen-
do que “papagaio véio não aprende
10 a falar”, ou que “quem mau sabe lê também veve”, e onde as
crianças por falta de escola vão
crescendo sem aprender o a-b-c e o
b-a bá.
15 Snr. Ministro: - Aqui no mau municí-
pio há diversos cursos de alfabeti-
zação de adultos, povoados de mari-
posas, enquanto o arraial [↑ Capela de } Bom-
Jesus tem {uma população infantil}
20 {de} quase uma centena [↑de crianças em idade escolar] {de crianças e
não possuem nenhuma escola! Os paes
{de quarenta e tantas} [↑destas centenas de crianças] têm pedido es-
colas para a Cigana (é o nome popular de
“Capela”) e as promessas não têm
25 faltado. Mas... as crianças estão

Página 63

Crescendo... e [↑a escola ficando em promessa...] e {quando} marcha em que vão [↑andando] as coisa... quando a escola da “Cigana” vier... os meninos já viraram adultos...

- 5 Snrs. Dirigentes do Brasil! {pelo nossos}
Snrs, ensinem as crianças! Alfabetizem as crianças e não haverá [adultos] analfabetos!
{adultos que justifique despesas mesmo}

- 10 {Honrado srn. Ministro Clemente Mariani: - peço a V. Exa., merecidamente, uma escola de alfabetização de crianças para o arraial da Capela de Bom Jesus, município de Mundo Novo. Com vivas esperanças de que

- 15 este pedido chegará a V. Exa., de será tomado na devida consideração, quero lhe dizer, Snr. Ministro, em nome dos paes [↑dos menos] da Capela de Bom Jesus: Deus lhe pague.}

- 20 [Rubrica do autor]

e dinheiro eles não têm e o dos alunos não está um-do. Nós e de “penuchos” (pés descalços), os [↑meninos] não podem ir para a escola. Nunca mais receberam {↑}

7. Conclusão

O texto de Eulálio Motta é um importante documento para o estudo da história e da memória da região de Mundo Novo, especialmente dos aspectos da cultura escrita na comunidade Capela do Bom Jesus. Editar o texto é uma oportunidade de revelar o ponto de vista de um sujeito que, através de sua prática escriturística, fez uma leitura da política educacional da época e seus desdobramentos numa pequena vila do interior da Bahia.

Esse tipo de documento flagra aspectos que a história oficial ignora e estabelece novas formas de ver e pensar a cultura escrita. No manuscrito, Eulálio Motta coloca-se como a “voz” autorizada pela comunidade para aconselhar, avaliar e reivindicar melhorias. Pedem-lhe que escreva para aconselhar aos analfabetos a frequentarem o curso de alfabetização. Isso revela que, naquele contexto, a cultura escrita era extensiva a todos os cidadãos da comunidade, alfabetizados ou não.

O documento do acervo, ao ser editado, insurge-se do amontoado

de papéis para instituir um significado histórico de inestimável valor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: Maria Emantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARREIROS, Patrício Nunes. *O pasquineiro da roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta*. 2013. – Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras / Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. *Sonetos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoa, de letras e palavras*. São Paulo: UNESP, 2005.

CASTILLO GÓMES, Antonio (Coord.). *Historia de la cultura escrita: del próximo oriente antiguo a la sociedad informatizada*. España: Trea, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad.: Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Trad.: Ephraim Ferreira Alves. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COSTA, Renato Pontes; TOMAROZZI, Edna. *Educação de jovens e adultos*. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.

MOTTA, Eulálio de Miranda. EA2.15.CV1.15.001, [s.d.], p. 60. *Caderno Fotocopiado 2*. [Manuscrito].

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

ZILBERMAN, Regina. *Fim dos livros, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001.